

PARTE II

A TRANSVERSALIDADE DO GÊNERO

II.1 - ARTICULANDO PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO. OS CONCEITOS DE DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E DE RELAÇÕES DE GÊNERO

HELENA HIRATA

FLS5174 – GÊNERO E TRABALHO. DESAFIOS NACIONAIS, DEBATES INTERNACIONAIS

PPGS/USP, 11.09.2017 (AULA 6)

ROTEIRO

- INTRODUÇÃO
- ARTICULANDO PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO
- TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO
- RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO OU RELAÇÕES DE GÊNERO
- SOCIOGRAFIA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO
- DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: NOVOS ENFOQUES
- SEXO E GÊNERO
- OS LIMITES DO GÊNERO NA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER E DOMINAÇÃO: A PERSPECTIVA INTERSECCIONAL (AULAS 10, 11 E 12)

INTRODUÇÃO

- apresentação das teorias da divisão sexual do trabalho e da relação entre divisão sexual do trabalho, do saber e do poder
- as críticas à bi-categorização (homem-mulher; masculino-feminino) a partir da ideia de um « continuum sexual ».
- as críticas ao conceito de gênero a partir de uma perspectiva interseccional que postula uma interdependência entre relações de gênero, raça e classe e enquanto relações de poder.

ARTICULANDO PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO I

- As teorias feministas criticam a separação entre a produção social de bens e serviços para o mercado e a produção de seres humanos (reprodução da vida no cotidiano e também da espécie), separação que significa hierarquização, implicando na valorização da primeira e na desvalorização da segunda.
- As teorias feministas criticam essa separação, “*expressão das disjunções conceituais que as relações sociais dominantes operam em nossas sociedades*” (Apresentação de *O sexo do trabalho*, coletivo, 1986 [1984]) propondo uma articulação entre produção e reprodução em nome da transversalidade do gênero (título dessa segunda parte do curso), isto é, a indissociabilidade do trabalho produtivo e do trabalho reprodutivo.

ARTICULANDO PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO II

- Uma boa sistematização das críticas, em número de 4, à separação entre trabalho produtivo e reprodutivo, foi feita na apresentação de um seminário em homenagem a Bruno Lautier em 2013 (IEDES-Paris I, IRD):
- 1ª: Crítica à separação que institui uma visão hierárquica das atividades, o reprodutivo sendo assimilado ao feminino e ao não-produtivo, visão provinda de uma dominação dos homens sobre as mulheres. Essa corrente crítica emanaria, segundo essa apresentação, das feministas materialistas que insistiriam sobre a necessidade de recentrar a análise sobre as relações sociais.

ARTICULANDO PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO III

- 2ª : Crítica à ineficácia dessas categorias (i) em dar conta das relações e imbricações entre essas esferas produtivas e reprodutivas e (ii) ao não-reconhecimento do valor das atividades e produções aí realizadas (ex. da mercantilização de uma parte do trabalho feminino, da pequena produção mercantil ou informal ou associativo) e do afeto e das emoções, corrente majoritariamente polanyiana
- 3ª : Crítica à incapacidade das categorias de trabalho produtivo e reprodutivo de levar em consideração uma série de atividades sociais realizadas essencialmente por mulheres (dimensão coletiva da produção e da reprodução, corrente também de inspiração polanyiana, mas centrada na esfera da reciprocidade).

ARTICULANDO PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO IV

- 4ª : Crítica feminista ao quadro teórico polanyano, desenvolvido essencialmente por Nancy Fraser, que parte de uma relação entre a crítica da mercantilização e a da dominação. Fraser mostra que há formas de dominação inerentes à partição entre esfera produtiva e reprodutiva. A construção da « força de trabalho » como mercadoria fictícia e do trabalho reprodutivo como uma não-mercadoria (condições de possibilidade do mercado) só pôde se realizar através de formas de dominação de uma sobre a outra, a segunda sendo essencialmente feminina. Reivindicando a saída do enclausuramento doméstico e a mercantilização de uma parte de seu trabalho, os movimentos feministas ameaçam esse equilíbrio, e conduzem à mercantilização de uma parte do *care* a uma escala transnacional, pelo recurso a outras pessoas dominadas para assegurar as tarefas reprodutivas. A mercantilização da esfera reprodutiva ameaça, segundo Fraser, as condições de possibilidade do mercado.

TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO I

- A assignação das mulheres à esfera da reprodução e dos homens à esfera da produção está no fundamento da divisão sexual do trabalho
- O conceito de divisão sexual do trabalho remete a uma definição ampliada de trabalho, que inclui o trabalho profissional e doméstico, formal e informal, remunerado e não- remunerado.
- Não se pode pensar a divisão social e sexual do trabalho entre homens e mulheres sem associar essa divisão à repartição do saber e do poder entre os sexos na família e na sociedade. Divisão sexual do trabalho, do saber e do poder são indissociáveis.
- A hierarquização entre masculino e feminino, característica da divisão sexual do trabalho, do saber e do poder, inferioriza o feminino, criando uma situação de profunda injustiça social.

TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO II

- **Duas teorias** sobre a divisão sexual do trabalho ou duas problemáticas sociológicas diferentes coexistem enquanto paradigmas neste campo de estudos na França:
 - De um lado, a ideia de **complementaridade entre os sexos** ou a ideia de uma conciliação dos papéis onde o aspecto vínculo social, integração social, é evidente.
 - De outro, **a teoria da divisão sexual do trabalho enquanto conflito**, a dimensão opressão/ dominação estando fortemente presente. Segundo D. Kergoat, que conceitualizou esta modalidade de divisão social, divisão social e técnica do trabalho são acrescentadas de uma hierarquia nítida do ponto de vista das relações de poder. Há “consustancialidade” entre relações de sexo e relações de classe e, mais recentemente na sua teorização, entre relação de sexo, classe e raça.

TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO III

I. « Vínculo social »: solidariedade orgânica, complementaridade, conciliação, coordenação, parceria, especialização e divisão dos papéis.

- modelo tradicional (especialização dos papéis sexuais, funcionalismo: Durkheim, Parsons; Yvonne Verdier, em antropologia)
- modelo de conciliação
- modelo da parceria
- modelo da delegação

II. « Relação social » : divisão do trabalho, contradição, antagonismo, oposição, conflito, dominação, opressão, poder

TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO IV

- A abordagem em termos de complementaridade (cf. De Singly, 1987, Kaufmann, 1992) é coerente com a ideia de uma divisão do trabalho entre homens e mulheres, do trabalho profissional e do trabalho doméstico e, no seio do trabalho profissional, com uma divisão entre tipos de emprego que permite a reprodução dos papéis sexuais.
- A abordagem do tipo “parceria”, denominação usada durante a Quarta Conferência Mundial sobre as mulheres organizada pela ONU em Pequim em setembro de 1995, emerge desta problemática neofuncionalista da complementaridade dos papéis. O « princípio da parceria » vem muito mais de uma lógica de conciliação dos papéis de que do conflito, e considera mulheres e homens como parceiros e suas relações são vistas mais em termos de igualdade do que de desigualdade ou de relações de poder.

TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO V

- Assim, “as teorizações da negociação conjugal no que diz respeito à permuta de capitais entre cônjuges partem do princípio implícito de que há equivalência dos recursos dos homens e das mulheres na família e na sociedade” (A.M. Devreux se referindo a F. De Singly, 2000, p. 74-75). Como afirma esta autora, “acentuando a dimensão contratual das relações conjugais e fazendo da família um espaço de livre negociação de capitais, essas teorizações negam a força das relações sociais de sexo e de opressão das mulheres” (id. ibid.).

TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO VI

- Nessa linha podemos inserir as teorias interacionistas do vínculo social e da complementaridade dos papéis, desenvolvidos por sociólogos como Goffman (1977) mas também por Donald Roy. Esse sociólogo do trabalho clássico traduzido na França em 2006, analisa a divisão sexual, não em termos de opressão/dominação, mas simplesmente em termos de interação e de “relações heterossexuais entre os chefes de equipe e seus grupos de trabalho.” (Roy, 2006). Pela situação descrita por Roy, seria preferível falar de “assédio sexual”.
- Goffman faz a microsociologia das interações entre os sexos e dos arranjos que servem de quadro a essas interações e mostra nessa medida a construção social do masculino e do feminino (Claude Zaidman, introdução à tradução francesa do *The Arrangement between the Sexes*)

TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO VII

- O conceito de “reflexividade institucional”
- 5 exemplos de reflexividade institucional”:
 - “divisão do trabalho segundo as classes de sexo;
 - irmãos e irmãs como agentes de socialização;
 - as praticas relativas aos WCs;
 - a aparência e a seleção no recrutamento;
 - nosso sistema de identificação” (p. 89, ed. francesa)

TEORIAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO VIII

- “As diferenças físicas entre os sexos são em si mesmas pouco pertinentes para as capacidades humanas requeridas na maior parte de nossos empreendimentos. A questão interessante é então a seguinte: como, numa sociedade moderna, essas diferenças biológicas não pertinentes entre os sexos parecem adquirir uma tal importância social? Como, sem justificação biológica, tais diferenças biológicas são elaboradas socialmente?” (Goffmann, 2002 [1977], p. 89 da trad. francesa)
- “E certo que a biologia constitui um instrumento seguro e preciso apenas para a triagem dos membros da sociedade; os acontecimentos e as respostas que parecem decorrer tão naturalmente dessas mesmas linhas divisórias, são uma consequência da organização social. (p.116)

RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO OU RELAÇÕES DE GÊNERO

- A divisão sexual do trabalho tem como campo de referência o trabalho, enquanto as relações sociais de sexo transversalizam todos os campos do social. O termo “relações sociais de sexo” é especificamente francês e Daniele Kergoat (id. ibid.) lembra que a diferença entre “rapport” e “relation” só existe na língua francesa e é impossível de ser traduzido para o inglês, espanhol, russo, português, etc. a não ser por “relation” (relação) que não tem o mesmo sentido. Hoje, na França, utiliza-se de maneira relativamente indiferenciada *gênero* e *relações sociais de sexo*, mas a história conflituosa dessas duas categorias indica que esses termos nem sempre são permutáveis.
- A análise da divisão internacional do trabalho mostra a sua variabilidade no espaço e no tempo, porém a permanência da divisão sexual do trabalho. Segundo D. Kergoat, “a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo são indissociáveis, formam um sistema”. A divisão sexual do trabalho é o que está fundamentalmente em jogo nas relações sociais de sexo, que são relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas

SOCIOGRAFIA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO I

Aumento das taxas de atividade femininas, mas persistência das desigualdades, tanto entre sexos, quanto entre raças e entre classes

- Um indício de desigualdade está na **segregação horizontal e vertical**: as mulheres não têm acesso às mesmas profissões que os homens, estão limitadas a um número restrito de atividades, tanto na França quanto no Brasil e têm poucas perspectivas de promoção (o fenômeno do « *glass ceiling* », o teto de vidro) Na França, 50% das mulheres estão concentradas em **12** famílias profissionais (principalmente nos setores de saúde, trabalho social e cuidados) enquanto que 50% dos homens se concentram em **20** famílias profissionais (SeDF, 2014).

SOCIOGRAFIA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO II

- Se as taxas de atividade aumentam, os empregos criados são vulneráveis e precários, com o desenvolvimento do trabalho informal no Sul. No Brasil, observa-se um aumento dessa informalidade no período recente, segundo algumas pesquisas (Cardoso, 2013); diminuição, segundo outras (Leite e Salas, 2014); aumento do trabalho formal com características de trabalho informal, segundo terceiros (Salama, 2014:100) . E sobretudo, coexistência da “expansão do mercado formal de trabalho” (Carneiro Araújo, Lombardi, 2013: p.473) com o informal absorvendo mais mulheres do que homens, mais negros do que brancos (idem, 2013).

SOCIOGRAFIA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO III

- O desemprego feminino é maior do que o masculino na maioria dos países industrializados, sobretudo o emprego de mulheres jovens (OIT, 2016), e as mulheres são majoritárias no desemprego oculto pelo desalento (PED, SEADE-DIEESE)
- O subemprego sob a forma de tempo parcial, temporário e com duração determinada, impede às mulheres o acesso aos direitos sociais, ao seguro desemprego, licença maternidade, aposentadoria (OIT, 2016:35)
- Outra similitude entre a situação das mulheres ao nível internacional: elas tem sempre salários inferiores aos dos homens. Os salários femininos são inferiores aos salários masculinos, e há desigualdade salarial entre homens negros e brancos, mulheres negras e brancas. Mulheres negras recebem salários inferiores aos homens brancos, as mulheres brancas, os homens negros.

SOCIOGRAFIA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO IV

- Diferenciais de salários: Sexo e raça
- No Brasil, o diferencial de salários está hoje em torno de 30% (Oliveira Costa, 2013), após um longo período em que esteve em torno de 35%. A partir dos dados da PNAD (1989, 1999), N.A. Guimarães mostra (2002:13) que os homens brancos têm os mais altos salários; em seguida, os homens negros e as mulheres brancas; por último, as mulheres negras, com salários inferiores, dados confirmados por pesquisas recentes (Carneiro Araujo e Lombardi, 2013); também mostra (Guimarães, 2008), a partir dos dados da PED (SEADE/DIEESE, 1994, 2001), que há peso maior das mulheres negras no desemprego e no trabalho precário

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: NOVOS ENFOQUES I

- A problemática da divisão do trabalho entre os homens e as mulheres é hoje questionada pelo desenvolvimento dos «estudos queer» (interesse tardio na França, onde *Gender Trouble* de Judith Butler, de 1990 foi traduzido em 2005 ; e a primeira tradução de Teresa de Lauretis em 2007).
- A crítica da dicotomia, do caráter binário do gênero como categoria relacional, a afirmação de uma multiplicidade de pertencimento ao gênero (passagens de um a outro) e sua falta de estabilidade, questionam o conceito de divisão do trabalho entre os homens e as mulheres enquanto categorias sociais. Esta abordagem sobre a instabilidade das identidades sexuais tem como precursora a análise sociológica de um caso de transsexualismo na obra de Garfinkel (o caso Agnès) , estudada e analisada por Ilana Lowy (2003).

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: NOVOS ENFOQUES II

- **Os “cinco sexos”**
- As críticas à bicategorização (homem-mulher; masculino-feminino) a partir da ideia de um « continuum sexual ».
- Anne Fausto-Sterling (2015/1993) afirma que podemos no mínimo falar em « 5 sexos »:
 1. os « verdadeiros homens »
 2. as « verdadeiras » mulheres
 3. « merms »: pseudo hermafroditas machos (testículos+ partes do aparelho genital feminino)
 4. « fermes »: pseudo hermafroditas fêmeas (ovários + partes do aparelho genital masculino)
 5. « herms »: verdadeiros hermafroditas (ovários + testículos)

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: NOVOS ENFOQUES III

- Fausto-Sterling diz que é « mais justo conceptualizar o sexo e o gênero como diferentes pontos num espaço multidimensional » (2015/2000:85).
- As exceções ao dimorfismo - sejam cromosômicos, anatômicos ou hormonais - são múltiplas, e a identidade de gênero pode não coincidir com as características sexuais. Dai a ideia de um « continuum sexual ».

SEXO E GÊNERO I

- No início da reflexão feminista dos anos 1970-1980, na França, a distinção entre sexo e gênero encobria aquela entre sexo biológico e sexo social. A controvérsia se situava em dois níveis:
 1. controvérsia entre o essencialismo (“natureza feminina”) e o construtivismo (natureza feminina como construção social para legitimar a opressão das mulheres) (cf. Lowy, Rouch, 2003)
 2. controvérsia sobre se o sexo precede o gênero ou se o gênero precede o sexo
- *Hoje há um amplo consenso em torno do fato de que o “natural” é construído pela cultura (...) Por outro lado, não podemos fazer abstração da materialidade dos corpos (Gardey, Lowy, 2000 in Lowy, Rouch, 2003)*

SEXO E GÊNERO II

“Se colocarmos em causa o caráter imutável do sexo, veríamos talvez que o que chamamos “sexo” é uma construção cultural da mesma forma que o gênero: na realidade, talvez o sexo é sempre já gênero e por consequência não haveria realmente distinção entre os dois” (Butler, citada por Tourelle na entrevista com Anne Fausto Sterling, 2016 [2014])

O sexo é tão construído quanto o gênero, ou, como afirmam os autores do manual dos estudos sobre o gênero na França, “o sexo aparece como o produto do gênero”? (Bereni et al., 2008, p. 54), o que nos conduz à conclusão seguinte: “o sexo não é mais apreendido como uma realidade natural” (ibid., p. 30).

O que você pensa desse questionamento da noção do sexo como realidade natural? (entrevista com Anne Fausto Sterling, 2016 (2014), que responde dizendo que ela concorda com a ideia de Butler segundo a qual o sexo “era desde sempre gênero”

CONCLUSÃO

- **Feministas contra a divisão sexual assimétrica do trabalho entre homens e mulheres**
- O feminismo que luta pela superação da divisão sexual do trabalho está ultrapassado com a ideia de um « continuum sexual » (Fausto-Sterling)? Cremos que não, pois embora a própria J. Butler seja contra a “lógica binária das oposições”(Collin, 2000: 33), ela proclama que « *os termos de mulher e homem permanecem sendo **categorias políticas importantes*** » (Butler, 2012)

GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE

- OS LIMITES DO GÊNERO NA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER E DOMINAÇÃO:
A PERSPECTIVA INTERSECCIONAL (AULAS 10, 11 E 12)